

As questões de 21 a 28 referem-se ao texto seguinte:

1 Vou direto ao ponto: estive em Paris. Está dito e precisava ser dito, logo verão por quê. Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isto. Culpa da nossa velha francofilia (já um tanto fora de moda). Ou do complexo de eternos colonizados diante dos países de primeiro mundo. Alguns significantes, como Nova Iorque ou Paris, produzem fascínio instantâneo. Se eu disser “fui a Paris”, o interlocutor responderá sempre: “que luxo!”. E se contar: “fui assaltada em Paris”, ou “fui atropelada em Paris”, é bem provável que escute: “mas que luxo, ser assaltada (atropelada) em Paris!”

5 O pior é que é verdade. É um verdadeiro luxo, Paris. Não por causa do Louvre, da Place Vendôme ou dos Champs Élysées. Nem pelas mercadorias todas, lindas, chiques, caras, que nem penso em trazer para casa. Meu luxo é andar nas ruas, a qualquer hora da noite ou do dia, sozinha ou acompanhada, a pé, de ônibus ou de metrô (nunca de táxi) e não sentir medo de nada. Melhor: de ninguém. Meu luxo é enfrentar sem medo o corpo a corpo com a cidade, com a multidão.

10 O artigo de luxo que eu traria de Paris para a vida no Brasil, se eu pudesse – artigo que não se globalizou, ao contrário, a cada dia fica mais raro e caro – seria este. O luxo de viver sem medo. Sem medo de quê? De doenças? Da velhice? Da morte, da solidão? Não, estes medos fazem parte da condição humana. Pertencemos a esta espécie desnaturada, a única que sabe de antemão que o coroamento da vida consiste na decadência física, na perda progressiva dos companheiros de geração e, para coroar tudo, na morte. Do medo deste previsível *grand finale* não se escapa.

15 O luxo de viver sem medo a que me refiro é bem outro. O de circular na cidade sem temer o semelhante, sem que o fantasma de um encontro violento esteja sempre presente. Não escrevi “viver numa sociedade sem violência”, já que a violência é parte integrante da vida social. Basta que a expectativa da violência não predomine sobre todas as outras. Que a preocupação com a “segurança” (que no Brasil de hoje se traduz nas mais variadas formas de isolamento) não seja o critério principal para definir a qualidade da vida urbana. Não vale dizer que fora do socialismo este problema não tem solução. Há mais conformismo do que parece em apostar todas as fichas da política na utopia. Enquanto a sociedade ideal não vem, estaremos condenados a viver tão mal como vivemos todos por aqui? Temos que nos conformar com a sociabilidade do medo? Mas eu conheço, eu vivi numa cidade diferente desta em que vivo hoje. Esta cidade era São Paulo. Já fiz longas caminhadas a pé pelo centro, de madrugada. Namorando, conversando com amigos, pelo prazer despreocupado da *flânerie**. A passagem do ano de 1981 para 82 está viva na minha lembrança. Uma amiga pernambucana quis conhecer a “esquina de Sampa”. Fomos, num grupo de quatro pessoas, até a Ipiranga com a São João. Dalí nos empolgamos e seguimos pelo centro velho. Mendigos na rua não causavam medo. Do Paysandu (o Ponto Chic estava aberto, claro!) seguimos pelo Arouche, República, São Luís, Municipal, Patriarca, Sé; o dia primeiro nasceu no Largo São Bento.

20 Não escrevo movida pelo saudosismo, mas pela esperança. Isso faz tão pouco tempo! Sei lá como os franceses conseguiram preservar seu raro luxo urbano. Talvez o valor do espaço público, entre eles, não tenha sido superado pelo dos privilégios privados. Talvez a lei se proponha, de fato, a valer para todos. Pode ser que a justiça funcione melhor. E que a sociedade não abra mão da aposta nos direitos. Pode ser que a violência necessária se exerça, prioritariamente, no campo da política, e não da criminalidade.

25 Se for assim, acabo de mudar de idéia. Viver sem medo não é, não pode ser um luxo. É básico; é o grau zero da vida em sociedade. Viver com medo é que é uma grande humilhação. (Maria Rita Kehl. *Você tem medo de quê?* Em: <http://www.mariaritakehl.psc.br>, 2007, adaptado.)

* *flânerie* (substantivo feminino): passeio sem destino.

Questão 21. Considere as afirmações abaixo:

- I. Para a autora, o luxo de Paris não se restringe somente ao aspecto físico da cidade.
- II. A autora mostra algumas diferenças entre viver em Paris e em uma cidade brasileira como São Paulo.
- III. A autora, tomada pela francofilia, quer mostrar, ao longo do texto, o luxo urbano raro de Paris.

De acordo com o texto, está(ão) correta(s)

- A () apenas a I. B () apenas I e II. C () apenas I e III. D () apenas a II. E () apenas a III.

Questão 22. Da leitura do texto, **NÃO** se pode inferir que

- A () os brasileiros entendem segurança como forma de isolamento.
- B () a cidade de Paris é desprovida de violência.
- C () em Paris, podem-se usar meios de transporte coletivos a qualquer hora do dia e da noite, sem medo da violência.
- D () a globalização proporcionou a importação de bens luxuosos da França, mas não a consciência de coletividade da nação francesa.
- E () a ação de andar livremente pelas ruas de Paris não é acompanhada pela expectativa da violência.

Questão 23. Assinale a opção em que o uso do sinal de pontuação **NÃO** se justifica pelo mesmo motivo nas duas ocorrências.

- A ()** Parênteses em: (já um tanto fora de moda). (linhas 2 e 3)
(que no Brasil de hoje se traduz nas mais variadas formas de isolamento) (linhas 21 e 22)
- B ()** Aspas em: “fui a Paris”, (linha 4)
“viver numa sociedade sem violência”, (linhas 19 e 20)
- C ()** Interrogação em: Sem medo de quê? (linhas 13 e 14)
Temos que nos conformar com a sociabilidade do medo? (linha 25)
- D ()** Exclamação em: (o Ponto Chic estava aberto, claro!) (linha 31)
Isso faz tão pouco tempo! (linha 33)
- E ()** Vírgula em: É um verdadeiro luxo, Paris. (linha 7)
Não, estes medos fazem parte da condição humana. (linha 14)

Questão 24. O destaque para o luxo urbano de Paris é dado principalmente porque a cidade

- A ()** proporciona segurança aos que andam pelas ruas.
B () pertence a um país de primeiro mundo.
C () é globalizada, com baixo índice de mortalidade.
D () apresenta passado socialista, sem política utópica e conformista.
E () limita a violência ao campo da política.

Questão 25. Da leitura do texto, pode-se inferir que

- A ()** os medos inerentes à condição humana – provocados pela consciência da velhice, morte, solidão e das perdas – são tão humilhantes quanto o medo da violência.
B () a autora apresenta duas cidades de São Paulo, diferentes não no aspecto geográfico, mas no aspecto social, considerando o eixo do tempo.
C () a autora mostra-se incoerente, quando diz, em momentos distintos do texto, que viver sem medo da violência é e não é um luxo.
D () quando a autora diz que não anda de táxi em Paris, ela sugere que não usa esse meio de transporte por motivos econômicos.
E () a autora sugere que, mesmo fora da utopia, é possível a existência de uma sociedade sem violência, onde inexistia o medo urbano.

Questão 26. Considere as afirmações abaixo:

- I. Em São Paulo, até pouco tempo, era possível preservar o luxo urbano de não se preocupar com a violência nas ruas.
II. No Brasil, geralmente, as pessoas superestimam os produtos de países desenvolvidos e subestimam produtos nacionais.
III. Diferentemente da França, no Brasil, segurança está prioritariamente relacionada ao isolamento urbano.

Está(ão) correta(s)

- A ()** apenas a I. **B ()** apenas I e II. **C ()** apenas I e III. **D ()** apenas a II. **E ()** apenas II e III.

Questão 27. “Mas é difícil escapar à impressão de pedantismo ou de exibicionismo, ao dizer isto.” (linhas 1 e 2)

Com o pronome **isto**, a autora refere-se

- A ()** à sua estada em Paris.
B () à necessidade de ter estado em Paris.
C () ao pedantismo ou exibicionismo de dizer que esteve em Paris.
D () à francofilia que justifica dizer que esteve em Paris.
E () ao complexo brasileiro de eterno colonizado.

Questão 28. Assinale a opção que apresenta os significados corretos para os termos numerados:

- I. Pertencemos a esta espécie desnaturada, a única que sabe de antemão^[1] que o coroamento^[2] da vida consiste na decadência física, na perda progressiva dos companheiros de geração e, para coroar tudo, na morte. (linhas 15 e 16)
II. Pode ser que a violência necessária se exerça, prioritariamente^[3], no campo da política, e não da criminalidade. (linhas 36 e 37)

- A ()** [1] previamente [2] encerramento [3] precipuamente
B () [1] precipuamente [2] auge [3] principalmente
C () [1] antecipadamente [2] auge [3] permanentemente
D () [1] precipuamente [2] encerramento [3] principalmente
E () [1] antecipadamente [2] esplendor [3] permanentemente

As questões de 29 a 33 referem-se ao texto seguinte:

1 A vegetação do cerrado é influenciada pelas características do solo e do clima, bem como pela frequência de incêndios. O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo, o que diminui a disponibilidade de nutrientes e o torna tóxico para plantas não adaptadas. A hipótese do escleromorfismo oligotrófico defende que a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.

5 Além disso, a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade) tem efeito sobre a quantidade de nutrientes e o nível tóxico do solo. Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.

10 Já outra hipótese propõe que o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

15 Quando a frequência de incêndios é muito elevada, a parte aérea (galhos e folhas) do vegetal pode não se desenvolver e ele se torna uma planta anã. Pode-se dizer, então, que a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado. (André Stella e Isabel Figueiredo. *Ciência hoje*, março/2008, adaptado.)

Questão 29. Assinale a opção cuja pergunta delimita o tema do texto:

- A () Por que o solo do cerrado é pobre em nutrientes?
- B () Por que há incêndios no cerrado?
- C () Por que as árvores do cerrado se desenvolvem pouco?
- D () Por que as árvores do cerrado são pequenas e retorcidas?
- E () Por que a vegetação do cerrado tem baixa fertilidade?

Questão 30. As relações de causalidade são estabelecidas no texto, entre outros recursos, pelos verbos. Assinale a opção em que o sujeito e o complemento do verbo **NÃO** correspondem, **respectivamente**, à ordem causa-conseqüência:

- A () O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo [...]. (linha 2)
- B () [...] a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação. (linhas 4 e 5)
- C () Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas. (linhas 7 e 8)
- D () [...] o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. (linhas 9 e 10)
- E () [...] a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado. (linhas 14 a 16)

Questão 31. Os parênteses nos trechos abaixo são usados para inserir

- I. uma síntese, em “a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade)” (linha 6).
- II. uma explicação, em “as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos)” (linhas 10 e 11).
- III. uma explicação, em “a parte aérea (galhos e folhas)” (linha 13).

Está(ão) correta(s)

- A () apenas a I.
- B () apenas a II.
- C () apenas I e II.
- D () apenas I e III.
- E () todas.

Questão 32. Abaixo são apresentadas três das acepções da palavra “hipótese”, extraídas do *Dicionário Houaiss eletrônico 5.0*, CD-ROM:

Substantivo feminino

- I. suposição, conjectura, pela qual a imaginação antecipa o conhecimento, com o fim de explicar ou prever a possível realização de um fato e deduzir-lhe as conseqüências; pressuposição, presunção
- II. proposição (ou conjunto de proposições) antecipada provisoriamente como explicação de fatos, fenômenos naturais, e que deve ser ulteriormente verificada pela dedução ou pela experiência; conjectura
- III. aquilo que se toma como dados de um problema (ou como enunciações) a partir do qual se parte para demonstrar um teorema.

A palavra “hipótese”, usada duas vezes no texto (linhas 3 e 9), corresponde apenas à(s) acepção(ões)

- A () I.
- B () I e II.
- C () II.
- D () II e III.
- E () III.

Questão 33. Considere o trecho abaixo:

“Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.” (3º parágrafo)

Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- I. nem todas as células produzem novos galhos.
- II. algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- III. todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- A** () apenas a I. **B** () apenas I e II. **C** () apenas a II. **D** () apenas a III. **E** () todas.

Questão 34. Assinale a opção em que a ausência da vírgula **NÃO** altera o sentido da frase.

- A** () Não, espere.
- B** () Não, quero ler.
- C** () Aceito, obrigado.
- D** () Amanhã, pode ser.
- E** () Eu quero um, sim.

Questão 35. Leia o poema abaixo, “O anel de vidro”, de Manuel Bandeira.

Aquele pequenino anel que tu me deste,
Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...
Assim também o eterno amor que prometeste,
Eterno! era bem pouco e cedo se acabou.

Frágil penhor que foi do amor que me tiveste,
Símbolo da afeição que o tempo aniquilou –
Aquele pequenino anel que tu me deste,
Ai de mim – era vidro e logo se quebrou...

Não me turbou, porém, o despeito que investe
Gritando maldições contra aquilo que amou.
De ti conservo na alma a saudade celeste...
Como também guardei o pó que me ficou
Daquele pequenino anel que tu me deste.

Nesse texto,

- A** () percebemos uma ironia típica dos modernistas ao desqualificar o amor romântico.
- B** () existe uma revisão crítica da poesia de temática amorosa vinda do Romantismo.
- C** () a temática amorosa (o fim do amor) é tratada com frieza e distanciamento.
- D** () há lirismo sentimental, presente em boa medida pela retomada da quadrinha popular “O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]”.
- E** () encontra-se um poema tipicamente romântico por retomar a conhecida quadrinha popular “O anel que tu me deste / Era vidro e se quebrou [...]”.

Questão 36. Leia o poema abaixo, “Inscrição na areia”, de Cecília Meireles.

O meu amor não tem
importância nenhuma.
Não tem o peso nem
de uma rosa de espuma!

Desfolha-se por quem?
Para quem se perfuma?

O meu amor não tem
importância nenhuma.

Nesse texto,

- A () há lirismo sentimental, pois, ao contrário do que o texto diz, nota-se que o amor tem importância para a autora.
- B () percebe-se que a ironia tão comum na poesia modernista desmonta a crença no amor romântico.
- C () encontra-se a declaração da impossibilidade do amor romântico na poesia moderna.
- D () o sentimentalismo do poema é bastante marcante (veja-se a pontuação), o que faz dele um texto de filiação romântica.
- E () a expressão do amor é romântica, o que se nota pelas referências aos elementos da natureza.

Questão 37. Leia o poema abaixo, “Na contramão”, de Chacal.

ela ali tão sem eu aqui sem chão nós assim ninguém cada um na mão
--

Acerca desse poema, considere as seguintes afirmações:

- I. Ele possui uma das marcas mais típicas da poesia contemporânea, que é a brevidade.
- II. É notória a informalidade da linguagem, que afasta o poema da tradição culta e erudita.
- III. Há um sentimentalismo contemporâneo que filtra os excessos da expressão sentimental.
- IV. Existe a persistência do tema do desencontro amoroso (tradicional na literatura).

Está(ão) correta(s)

- A () apenas a I. B () apenas I e II. C () apenas I, II e III. D () apenas III e IV. E () todas.

Questão 38. Quando comparamos a ficção romântica de José de Alencar com as obras realistas de Machado de Assis, é possível diferenciá-las em muitos pontos, tais como:

- I. A ficção romântica, em geral, termina com a união do casal no casamento (como em *Senhora*, em que a união do casal só se realiza no fim do livro), ao passo que a narrativa realista costuma terminar com a dissolução do casamento (como em *Dom Casmurro*).
- II. Na ficção romântica, é visível que tudo gira em torno do sentimento amoroso (como em *Senhora*), mas na ficção realista o que se percebe é muito mais erotismo que amor (como em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, em que há o envolvimento adúltero de Virgília e Brás Cubas).
- III. Os protagonistas das obras românticas são muito virtuosos (como Peri em *O Guarani*), já os protagonistas das obras realistas são comuns (como em *Dom Casmurro*).
- IV. As obras românticas são sempre localizadas no passado histórico (como em *O Guarani*), enquanto as realistas são invariavelmente localizadas no presente (como em *Quincas Borba*).

Está(ão) correta(s)

- A () apenas I, II e III. B () apenas I, II e IV. C () apenas I e III. D () apenas II, III e IV. E () todas.

Questão 39. Os romances de Machado de Assis e os de Graciliano Ramos são exemplos bem acabados da forte presença do realismo na Literatura Brasileira. Entretanto, há diferenças bem marcantes entre a ficção realista do século XIX e a ficção de cunho realista da geração de 30. Algumas delas são:

- I. As obras realistas do século XIX (em particular os romances de Machado de Assis) retratam a burguesia rica, enquanto os romances de Graciliano Ramos retratam apenas os retirantes vítimas da seca.
- II. No século XIX, o realismo tem preferência pela temática do adultério feminino e do triângulo amoroso, tema este que não é central nas obras da geração de 30, que se preocupam mais com a desigualdade social.
- III. Os romances machadianos são urbanos; as obras de Graciliano Ramos retratam, em geral, os ambientes rurais do Nordeste.
- IV. No realismo do século XIX, as personagens, em geral, são mesquinhas, vis e medíocres. Já na ficção realista dos anos 30, as personagens são, sobretudo, produtos de um meio social adverso e injusto.

Está(ão) correta(s)

- A () apenas I, II e III. B () apenas I, II e IV. C () apenas II, III e IV. D () apenas III e IV. E () todas.

Questão 40. O conto “A terceira margem do rio”, que faz parte do livro *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa, é um dos textos mais célebres e complexos do autor. Acerca desse conto, é correto afirmar que

- A () ele retrata de forma simbólica o luto vivido pelo narrador, depois que seu pai passou a viver em uma canoa, o que equivale explicitamente à morte.
- B () ele apresenta o drama vivido pelo narrador, que não consegue nunca encerrar a espécie de luto na qual mergulha após a partida do pai, que nem vai embora nem regressa.
- C () se trata de uma obra cuja singularidade reside unicamente no fato de as personagens não terem nome e de não haver localização geográfica precisa.
- D () se trata de um texto que mostra de forma alegórica as dificuldades de uma família diante do drama da loucura, que levou o pai a embarcar na canoa.
- E () é impossível encontrar um sentido para a atitude do homem que embarca na canoa, e isso ilustra a imprevisibilidade do destino humano.

INSTRUÇÕES PARA REDAÇÃO

Considere a tira de Laerte, reproduzida abaixo. Identifique seu tema e, sobre ele, redija uma **dissertação** em prosa, na folha a ela destinada, argumentando em favor de um ponto de vista sobre o tema. A redação deve ser feita com caneta azul ou preta.

Na avaliação de sua redação, serão considerados:

- a) clareza e consistência dos argumentos em defesa de um ponto de vista sobre o assunto;
- b) coesão e coerência do texto; e
- c) domínio do português padrão.

Atenção: A Banca Examinadora aceitará qualquer posicionamento ideológico do candidato.



(Folha de S. Paulo, 18/08/2005.)